

UM OLHAR SOBRE O I SALÃO FEMININO DE ARTE DE 1931.

Thais Canfild da Silva¹

O ano de 1931 foi emblemático por ter sido o marco de alguns eventos importantes no campo das artes no Brasil, entre eles a criação do Núcleo Bernardelli, grupo criado por pintores insatisfeitos com o ensino artístico da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) do Rio de Janeiro que se opunham ao método de ensino até então promovido pela escola, propondo sua reformulação, com objetivo de dar maior acesso a novos artistas no Salão Nacional de Belas Artes. Neste mesmo ano ocorreu o “Salão Revolucionário”, como ficou conhecido o Salão Nacional de Belas Artes de 1931, sob a organização de Lúcio Costa (1902-1998), contando pela primeira vez com a participação categórica dos modernistas e apresentando um cenário de transgressão ao espaço conhecidamente mais tradicional dos salões promovidos até então.

Paralelamente a estes eventos foi organizado o 1º Salão Feminino de Arte, promovido pela Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA) em colaboração com a Associação de Artistas Brasileiros e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). A exposição é considerada como a primeira a ter a participação exclusiva de mulheres nas áreas de pintura, escultura, gravura, arquitetura e artes aplicadas e pode ser vista como sintomática em um contexto mais amplo: o voto feminino no Brasil, por exemplo, só foi conquistado três anos após a mostra, em 1934. A FBPF foi fundada em 1922 por iniciativa de Bertha Lutz (1894-1976), organizada a partir de outros movimentos e correntes feministas que já ganhavam força no país desde 1910 – o apoio da FBPF, por sua vez, mostra como as questões pelos direitos sociais e políticos para a mulher estava imbricada com a necessidade vista naquele momento de uma exposição artística com participação exclusiva de mulheres.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa de História e Crítica de Arte.

De acordo com as próprias organizadoras da exposição, a mostra não tinha pretensões de trazer uma arte renovadora ou mesmo de fazer competição com outras exposições existentes, como o Salão Nacional. Conforme afirmou a pintora Candida Cerqueira a respeito dos objetivos da mostra:

O 1º Salão Feminino não representa nenhuma novidade em materia de arte. Será uma exposição como as outras. Muitas télas, muitos bronzes e gessos, muitas gravuras. Enfim, o resultado de um esforço de 63 artistas de meu sexo. Como vê, o que pretendemos realizar é apenas um como que offerecimento de nossas possibilidades para o engrandecimento da cultura artística do paiz. Apenas isso. Somos modestas no nosso commettimento, mas, se no desdobramento rutifo [sic] da iniciativa conseguirmos alcaçar o apoio e o sucesso ambicionado, sentir-nos-emos mais revigoradas na fé e mais fortalecidas para as lutas futuras. Neste seculo vertiginoso de conquistas e emancipações, pode parecer, á primeira vista, que este movimento tem caráter feminista, quando, na verdade, é elle apenas um movimento de arte feminina... No terrero artístico não podemos nem devemos estabelecer dissídios entre os sexos, pois, como é sabido, a arte não tem, sequer, nacionalidade (Correio da Manhã, 1931, p.3).

Assim, o maior objetivo daquelas artistas era promover a visibilidade para a “contribuição” da mulher nas artes plásticas no Brasil.

Ao analisarmos a presença da mulher nas exposições oficiais desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX, percebemos que elas conquistaram espaço significativo nessas mostras: os dados levantados pela pesquisadora Ana Paula Simioni em sua publicação *Profissão Artista* revelam que entre os anos de 1844 e 1922 cerca de 212 mulheres participaram das Exposições Gerais. Sendo assim, percebemos que a participação de pintoras, escultoras e gravadoras não foi inconsistente, sendo bastante significativa no período analisado. A autora chama atenção, entretanto, para a condição de “amadoras” a que estas mulheres estavam atreladas, um “mito nutrido por uma realidade institucional” (SIOMIONI, 2008, p.85). Essa premissa está relacionada, por sua vez, ao acesso do ensino acadêmico para as mulheres nas artes, que precisaram buscar sua formação em instituições como o Liceu de Artes e Ofícios, ateliês particulares e outras formas de aprendizado, já que o ensino na academia só foi permitido a elas durante o início da Primeira República, em 1892, através do Decreto 115, Artigo 187, que possibilitava a matrícula para alunas do sexo feminino, desde que em turmas exclusivas para mulheres.

A primeira turma para elas só foi aberta na escola em 1896, entretanto, o ateliê feminino dirigido por Henrique Bernardelli (1857-1936) e Rodolfo Amoedo (1857-1941). Mesmo com a paulatina inclusão de turmas para mulheres na ENBA e com a sua participação nas aulas de modelo vivo, tão fundamentais para o aprendizado de qualquer um que almejasse a profissão de artista naquele momento, a crítica tendeu a ver o trabalho dessas artistas com a alcunha de “amador”, ou ainda, de “arte feminina”, o que não correspondia ao trabalho de algumas destas artistas, como Georgina de Albuquerque (1885-1962), Dinorah Azevedo de Simas Enéas (1888-1973), Sarah Vilela de Figueiredo (1903-1958), Haydée Santiago (1896-1980) e Regina Veiga (1890-1968). Muitas dessas mulheres foram idealizadoras do 1º Salão Feminino e participaram ativamente da mostra, na organização do evento e também como expositoras.

O 1º Salão Feminino, embora tenha sido um marco tanto em sua concepção como no que representou para a afirmação da mulher nas artes plásticas do país, foi pouco estudado, ficando à sombra de outros eventos de merecido destaque ocorridos no mesmo período e já mencionados anteriormente, como o “Salão Revolucionário” – não pretendemos de forma alguma desmerecer ou mesmo comparar a importância que esse e outros eventos daquele período tiveram, mas salientamos que a pesquisa sobre o 1º Salão Feminino é premente pela sua importância como emancipação definitiva da mulher na arte, desvinculando-a de um amadorismo que já não era condizente com seu trabalho e possivelmente contribuindo para que se abrissem novos espaços de diálogos sobre sua participação no campo artístico e sua efetiva profissionalização nesse meio.

A ideia para o salão surgiu a partir de outra exposição ocorrida em 1930 e que pode ser vista como embrionária para a criação do Salão Feminino – tratava-se da Exposição de Pintura, Escultura e Artes Aplicadas promovida pela União Universitária Feminina (UUF) em ocasião de seu segundo aniversário. A mostra já contava com a participação de artistas como Georgina de Albuquerque, Sarah Vilela de Figueiredo, Candida Gusmão Cerqueira (1901-1994) e Celita Vaccani (1913-2000), nomes que também figuraram no Salão Feminino. A diferença entre as mostras foi com relação ao seu tamanho – enquanto a promovida pela UUF no ano anterior foi pequena e restrita a artistas locais, o 1º Salão Feminino pretendia reunir expositoras de todas as regiões e estados do Brasil, promovendo maior inclusão de artistas que não circulavam no eixo Rio-São Paulo. O intermédio entre as artistas e a associação foi feito através da UFF, que promovia a capacidade intelectual da mulher nas áreas de educação e cultura e tinha como presidente Carmen Velasco Portinho (1903-2001).

Com previsão de ser iniciado em maio, a inauguração do salão acabou sendo adiada para que houvesse mais tempo hábil para o envio de trabalhos e a escolha dos que figurariam na mostra, franqueada ao público entre os dias 6 e 30 de junho e sediada em uma das galerias da ENBA. Sua breve duração não impediu, entretanto, que fosse considerada um sucesso, devido ao grande número de público recebido e

largamente noticiado pela imprensa². Além da exposição, foram realizadas uma série de palestras e conferências relacionadas ao ensino e as artes plásticas no Brasil, realizadas na Escola em decorrência do Salão. Versaram sobre esses assuntos o escritor Celso Kelly (1906-1979), o dramaturgo Henrique Pongetti (1898-1979), a poetisa Anna Amelia Carneiro de Mendonça (1896-1971) e a pintora Georgina de Albuquerque.

A exposição contou com 194 trabalhos de 63 artistas, entre elas: Georgina de Albuquerque, Moema Machado Vieira, Regina Veiga, Solange Frontin Hess, Wanda Turatti, Helvia Barbosa Lima, Katarina Gesnesha, Sarah Vilela de Figueiredo, Palmyra Pedra Domeneck, Maria Francelina Barreto Falcão (1897-1979), Haydée Santiago, Suzanna Mesquita, Camilla Alvares de Azevedo, Julieta Bicalho, Yvonne Visconti, Sylvia Meyer (1889-1955), Francisca Leão, Candida Gusmão, Ignez Corrêa de Castro, Nativa Tinoco, Ruth de Almeida, Odelli Castello Branco, Isabel Teixeira de Mello e Nieta Gomes, em pintura; Rosalina Candido Mendes, Lelia Ferreira, Celita Vaccani e Nicolina Vaz de Assis, em escultura; e Lucilia Ferreira, em gravura; Embora o trabalho de muitas dessas artistas não seja conhecido, sendo o nome de sua participação o único registro conhecido de muitas delas, se destacaram artistas de grande projeção na época e que trouxeram prestígio à mostra.

Um empecilho ao estudo do 1º Salão Feminino é justamente a dificuldade em localizar as obras participantes, mesmo das artistas com carreiras mais sólidas que expuseram seus trabalhos. Assim, os registros na imprensa e o acesso a outros tipos de fontes primárias se tornam importantes para analisarmos a extensão deste salão e termos dimensão de sua repercussão no campo artístico. Através das críticas dos jornais podemos perceber como mesmo com a dedicação das artistas para serem reconhecidas pelo seu trabalho, ainda era comum o conceito de “arte feminina”, que limitava a produção e atribuía características que remetiam as questões de gênero:

As nossas artistas realizaram, afinal, o seu primeiro salão feminino. Muita ordem naquellas galerias, demonstrando em tudo. Na arrumação das flores, dos quadros e principalmente da sala de imprensa, uma technica domestica de encantar e seduzir (Diário Carioca, 1931, p.6).

Embora as críticas tenham sido no geral positivas como um todo, alguns críticos foram pontuais ao questionarem a validade da exposição como mostra artística, questionando o fato de algumas produções de valor incontestável estarem ao lado do que consideraram trabalhos “mediócrez”:

² Uma pesquisa realizada no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional revela que 172 entradas com o termo “Salão Feminino” entre os anos de 1931 e 1939. Embora uma pequena parte desse número esteja relacionada com a segunda edição do salão, ocorrido em 1939, verificou-se que a grande maioria trata do 1º Salão Feminino, o que demonstra o grande interesse da mídia em noticiar e criticar a mostra.

Houve já quem afirmasse que ao primeiro salão feminino de Arte falta unidade. Unidade em arte não será expressão de mediocridade? É da falta de unidade que vae vivendo os seus dias de sucesso a exposição das nossas artistas. Flores, frutas e nus horríveis, ao lado de boas manchas, lindas paisagens e retratos academicos... Mas não se confundem o bom e o mau, graças a Deus. E a separação do joio do trigo é feita naturalmente pelo observador, ao qual não se pode exigir, para tão pequeno esforço, milagres de gymnastica mental... (Diário Carioca, 1931, pg.6).

Embora não tenhamos meios para analisar as obras expostas com maior precisão, visto que as imagens existentes são precárias e configuram uma ínfima parte do que foi este Salão, a partir destas análises podemos imaginar o motivo de alguns nomes terem se sobressaído a outros e na permanência de artistas como Georgina de Albuquerque, Regina Veiga e Celita Vaccani na historiografia da arte brasileira. Da mesma maneira, a importância da mostra possivelmente ultrapassou as barreiras do gosto, mostrando-se relevante para dar oportunidade a novas artistas de divulgarem seu trabalho.

Outra característica do Salão Feminino, que se contrasta justamente com o “Salão Revolucionário”, ocorrido alguns meses após a exposição das artistas, é o caráter predominantemente acadêmico de todas as obras expostas. A questão não passou despercebida pela crítica:

A impressão que se tem dos trabalhos expostos, no seu conjunto, é a de que a mulher não acompanhou o homem nessa hora vertiginosa de renovação artística e de inquietação mental. Não se encontra no meio daquele conjunto de mais de duzentas produções artísticas, uma expressão de arte moderna. [...] A conclusão de que se perdura entre nós, com florescência temporã da reacção academica, uma attitude intransigente contrária ao espirito novo. [...] Não queremos com isso diminuir o valor dos trabalhos expostos. É um reparo, apenas, destinado a constatar a seguinte contradicção: artistas jovens realizando arte velha (Diário de Notícias, 1931, p.1).

De fato, a ausência de nomes como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, artistas naquele momento já consagradas pela crítica de arte, demonstra claramente a divisão entre acadêmicos e modernos que se fazia presente naquele contexto. Chamamos a atenção, no entanto, para a participação de artistas como Celita Vaccani e Sylvia Meyer, que também participaram do “Salão Revolucionário” naquele ano, o que poderia significar uma falta de interesse das artistas modernas em vincularem-se a mostra, mais do que uma recusa ou rejeição da organização em incluí-las na exposição.

O 1º Salão Feminino trouxe nomes já conhecidos do público, mas também revelou novos talentos, que viram ali a primeira oportunidade necessária para ingressar em um espaço institucional, respaldado em locais “consagrados” do ensino artístico, como a ENBA. Nas palavras de Georgina de Albuquerque: “O Salão teve [...] a grande vantagem de atrair á Escola pessoas que aqui nunca tinham vindo e isso já representa muito, pois sabemos as conquistas a favor das artes se fazem palmo a palmo” (Diário de Notícias, 1931, p.4).

A educação era sinônimo de progresso e foi ponto de grande interesse no período, tanto pelos grupos feministas, que viam na educação a melhor forma de emancipação da mulher, como outros setores da sociedade – a exemplo disso, a criação da Associação Brasileira de Educação alguns anos mais tarde em 1934, tendo como uma de suas maiores apoiadoras a própria Georgina de Albuquerque, que participou de congressos, promovendo palestras e cursos a respeito da importância do ensino artístico. A educação parecia ser o ponto em comum dos grupos apoiadores do Salão Feminino, sendo este o tema de algumas das palestras promovidas em comemoração a exposição durante sua breve duração e ocorridas nas salas da ENBA.

Buscamos com estes breves apontamentos discutir a importância que o 1º Salão Feminino teve não somente como um evento isolado, mas visto no contexto de tantos acontecimentos importantes nos primeiros anos da década de 30, que promoveram mudanças significativas que ultrapassaram o âmbito político e social, reverberando também no cenário artístico do país e nos setores de educação. Acreditamos que a exposição teve grande importância nessas circunstâncias e possibilitou a discussão de uma série de questões a respeito do papel da mulher nos mais diversos setores, contribuindo para a sua emancipação e sua profissionalização no campo das artes e extrapolando os méritos individuais de cada trabalho apresentado para ganharem significado em sua amplitude. O Salão Feminino teve sua segunda edição apenas em 1939 e, embora sem regularidade definida, permanece existindo, tendo como sua sede a Sociedade Brasileira de Belas Artes, demonstrando ser essa uma mostra ainda necessária e importante, renovando o interesse e a necessidade do evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1º Salão Feminino. *O Cruzeiro*, 13 de junho de 1931, pg.55. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional
- 1º Salão Feminino de Arte. *Revista da Semana*, 27 de junho de 1931.
- MORAIS, Frederico. *Cronologia das Artes Plásticas no Rio de Janeiro (1886–1994)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, 557 p.
- PRIMEIRO Salão Feminino de Bellas Artes. *Diário de Notícias*, 12 de junho de 1931. Seção Bellas Artes, pg.1. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

PRIMEIRO Salão Feminino de Arte – “Vernissage” na Escola Nacional de Bellas Artes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1931. Seção Vida Carioca. p.3.

PRIMEIRO Salão Feminino de Arte – Algumas palavras da sra. Georgina de Albuquerque e uma palestra de Paschoal Carlos Magno. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 de julho de 1931. p.3.

SIMIONI, Ana Paula C. Eternamente amadoras: artistas brasileiras sob o olhar da crítica (1885-1927). In: FA-BRIS, Annateresa. (Org.). *Crítica e Modernidade*. São Paulo: ABCA/IMESP, 2006.

_____. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, 360p.

FIGURAS



Figura 01 - Salão Feminino de Arte. *Revista da Semana*, 27 de junho de 1931. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



Figura 02 - Primeiro Salão Feminino de Bellas Artes. *Diário de Notícias*, 12 de junho de 1931. Seção Bellas Artes, pg.1. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



Figura 03 - 1º Salão Feminino. *O Cruzeiro*, 13 de junho de 1931, pg.55. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.